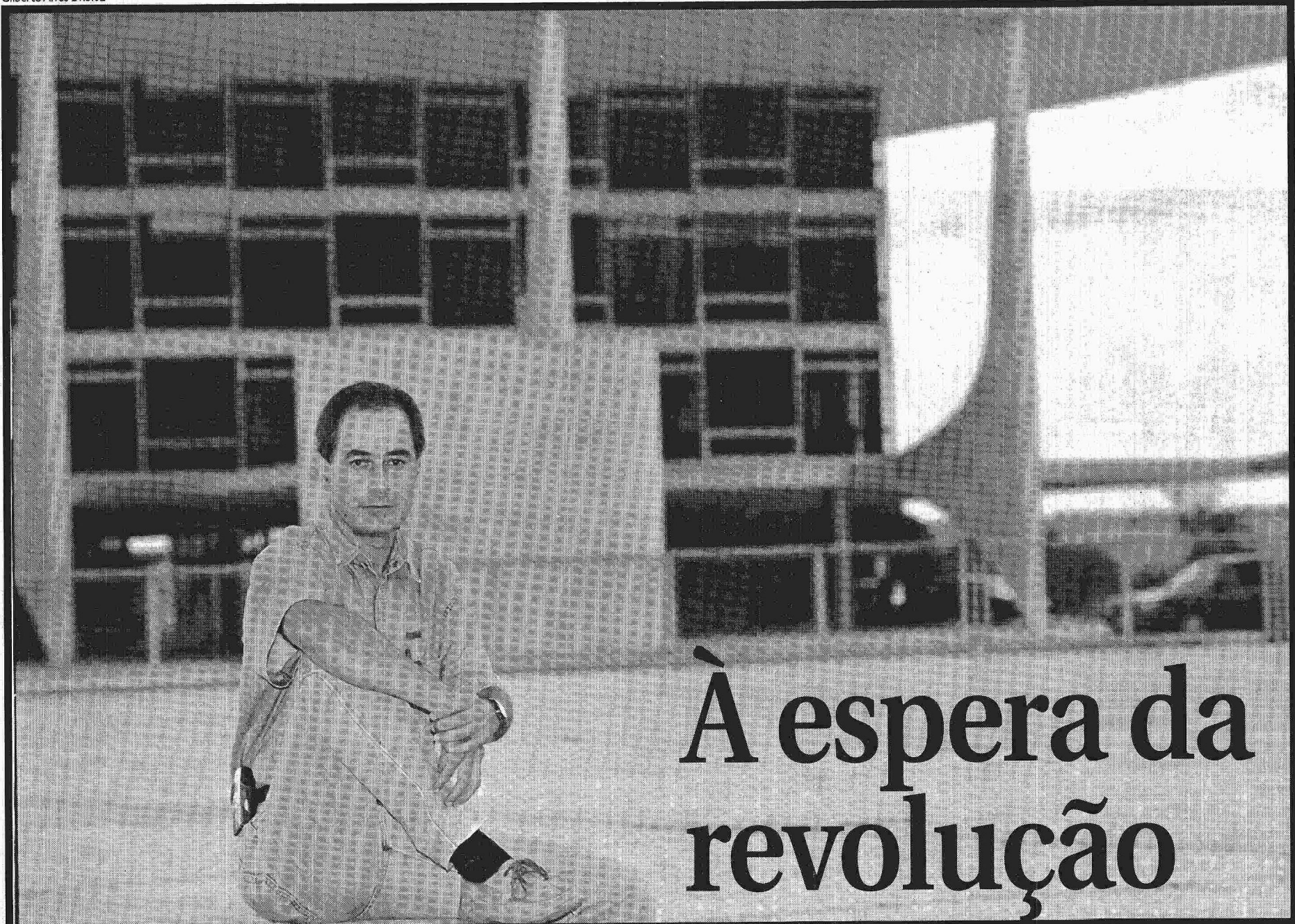


ELEIÇÃO PRESIDENCIAL

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Para os candidatos do PSTU e do PCO ao Planalto, a campanha é apenas um exercício político. Eles acreditam que a vitória dos dois partidos nanicos está longe das urnas

Gilberto Alves 21.3.02



À espera da revolução

JOSÉ MARIA DE ALMEIDA, DO PSTU: "MAIS DO QUE VOTAR, É IMPORTANTE FORTALECER NOSSAS ORGANIZAÇÕES E PREPARAR A LUTA. É O POVO NAS RUAS QUE VAI IMPOR ESSAS MUDANÇAS"

Luiz Fernando Godinho
e Cristiana Felipe
Da equipe do **Correio**

Numa campanha política, recursos financeiros e estrutura partidária são tão importantes para o candidato quanto programas de governo e uma boa imagem junto ao eleitorado. Para esta eleição, os quatro principais candidatos a presidente da República estimam gastar R\$ 146 milhões. E, em maior ou menor grau, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Ciro Gomes (PPS), José Serra (PSDB) e Anthony Garotinho (PSB) contam com apoios nos estados que conferem projeção nacional às suas candidaturas.

Mas para dois outros presidenciais, a campanha para o Palácio do Planalto não passa de um mero exercício político. Com gastos estimados em R\$ 200 mil por candidatura, José Maria de Almeida, do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), e Rui Costa Pimenta, do Partido da Causa Operária (PCO), assumem que só têm chances de chegar ao poder por meio de uma revolução popular alheia ao resultado das urnas.

Acomodados na extrema esquerda da cena política brasileira, os dois partidos surgiram no

início dos anos 90 a partir de dissidências do Partido dos Trabalhadores. O PCO recrutou os militantes da corrente Causa Operária, expulsos do PT porque não admitiam as alianças do partido com legendas de centro-esquerda. E o PSTU foi formado pelos integrantes da Convergência Socialista, que deixaram o PT por defender — antes da cúpula do partido — a mobilização popular pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor.

Ambos os partidos têm bandeiras comuns, como o rompimento do Brasil com o Fundo Monetário Internacional (FMI), a suspensão do pagamento da dívida externa e a estatização de toda a economia. Seus candidatos querem implantar um governo de trabalhadores e dividem as mesmas críticas ao PT: o partido está guinando à direita e abandonando os objetivos socialistas que motivaram sua criação. Lula, caso vença a eleição com o apoio do PL e com um discurso moderado, terá poucas chances de governar, pois os problemas econômicos trarão o caos para o país.

“A medida em que a crise econômica se agravar, aumentará o desemprego e a explosão social. Mas mais do que votar, é importante fortalecer nossas organi-

O TAMANHO DOS NANICOS

PSTU

- 15 mil filiados
- 27 diretórios estaduais
- 2 vereadores (MG e CE)
- 21 candidatos a governador
- 124 candidatos a deputado estadual
- 47 candidatos a deputado federal
- 42 candidatos a senador

PCO

- 20 mil filiados
- 1 diretórios estaduais
- 1 vereador (PB)
- 10 candidatos a governador
- 150 candidatos a deputado estadual
- 100 candidatos a deputado federal
- 15 candidatos a senador

zações e preparar a luta. É o povo na rua que vai impor essas mudanças”, prega José Maria de Almeida, que disputa sua segunda eleição presidencial. “O único meio de consolidar um governo de trabalhadores é por meio da mobilização revolucionária das massas”, defende Rui Costa Pimenta, um estreante na disputa eleitoral.

ESTRUTURA

Outro ponto em comum dos projetos presidenciais dos nanicos PSTU e PCO é a pequena estrutura das candidaturas. O maior luxo a que os candidatos têm direito é se deslocar de avião. Invariavelmente, Almeida e Pimenta se hospedam na casa

de amigos e simpatizantes nas cidades visitadas. Eles pegam carona nos eventos organizados por sindicatos e movimentos populares para dar seu recado ao eleitor. Como era de se esperar, não aceitam doações de empresas e do sistema financeiro. Seus recursos de campanha vêm dos militantes e da venda de camisetas, livros e outros materiais.

Na dia-a-dia da campanha, o candidato do PSTU está à frente do seu concorrente direto. Na semana passada, José Maria de Almeida teve uma agenda intensa, que envolveu eventos em Sergipe, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Já Rui Costa Pimenta dedicou todo seu tempo a um acampamento político-

ideológico em São Bento do Sapucaí, no interior de São Paulo (leia matéria nesta página). Com uma bagagem de campanha superior à de Pimenta, Almeida aposta nos jovens e nos trabalhadores para aumentar sua performance eleitoral. Nas eleições presidenciais de 1994, ele obteve 202 mil votos, o que representou cerca de 0,3% dos válidos.

LEGITIMIDADE

Para cientistas políticos consultados pelo **Correio**, os projetos presidenciais do PSTU e do PCO são legítimos e saudáveis para o processo democrático, por mais inexpressivos que possam parecer. “Eles não beneficiam a democracia, mas também não prejudicam. Estão no pleno exercício da liberdade de expressão”, diz Otaciano Nogueira, da Universidade de Brasília (UnB). “Os nanicos representam grupos pequenos do eleitorado brasileiro, mas são legítimos”, avalia Plínio Dentzien, do Centro de Estudos de Opinião Pública da Unicamp. “As candidaturas são legítimas e legais, pois têm fundamentação ideológica”, afirma Antônio Augusto de Queiroz, analista político do Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar (Diap).

Aula no acampamento

Enquanto os outros presidenciais fazem comícios e se desdobram para visitar o maior número possível de cidades e mostrar suas campanhas eleitorais, o candidato do Partido da Causa Operária (PCO), Rui Costa Pimenta, tem uma estratégia bastante inusitada para persuadir novos eleitores. Ele ficou acampado durante toda essa semana com cerca de cem militantes e filiados do partido, curtindo o frio zinho da região montanhosa de São Bento do Sapucaí, na divisa de São Paulo, com Minas Gerais.

Embora modesto, o local apresentava todas as características e comodidades de um camping normal de férias: quadras de esporte, refeições três vezes por dia, caminhadas pela região, fogueira, jogos recreativos e até piscina (para os mais corajosos). Essa foi uma das maneiras encontradas pelo partido para arrecadar dinheiro. Os participantes pagaram R\$ 300 para fazer parte do acampamento, que ocorreu também em outras sete cidades nesse mesmo período.

Apenas no início da noite, era possível perceber que se tratava

de uma reunião partidária. Nesse período do dia, as pessoas se encontravam para debater o tema principal do curso oferecido no acampamento: “Os 35 anos da morte de Che Guevara e a Revolução Cubana”.

Os participantes do estudo de formação marxista ganhavam kits com camiseta, botom, CD, poster, chaveiro, cinco postais do líder revolucionário e até uma boina. As aulas eram dadas pelo próprio Rui e outros representantes do PCO, tendo como referência publicações do próprio partido.

“A forte atração do jovem de hoje por Che Guevara mostra que a idéia de revolução não acabou”, acredita Rui. “Sua figura popular expressa de maneira rápida um sentimento de revolta contra a situação atual”, explica, sobre a escolha do tema.

Os cursos são procurados principalmente por jovens, porque a divulgação do evento é feita nas principais faculdades públicas e particulares do país. É nesses locais que o partido consegue arrecadar algum dinheiro montando pequenas bancas on-

Marcos Fernandes



RUI, DO PCO, EM MEIO A BARRACAS: PELA “MOBILIZAÇÃO DAS MASSAS”

de vendem livros do PCO.

A estudante de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) Priscila Alonso, de 18 anos, entrou para o partido depois de assistir a um curso sobre os conceitos básicos do livro *O Capital*. “Sempre tive vontade

de ser revolucionária e me identifiquei com o PCO porque luta pelos operários e não tem os vícios de outros partidos”, conta. Entre as propostas defendidas pela juventude do PCO estão o fim do ensino pago e o aumento do salário mínimo para R\$ 1.500. (C.F)

Briga por um espaço

O sindicalista José Maria de Almeida é conhecido pela determinação com que defende seus projetos e pontos de vista. Sua ação política mais famosa foi a ocupação da siderúrgica Mannesman, em 1988, por dez dias. Como diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Belo Horizonte e Contagem (MG), coube a Almeida planejar a ocupação para forçar uma negociação salarial com a empresa, que acabou não se concretizando.

O atual secretário-geral do PT em Minas, Paulo César Funghi, foi colega de sindicato de Almeida e admira a trajetória política do presidencialista. Mas afirma que é muito difícil disputar espaço político com ele. “Ele não tem limites”, afirma. Na última vez que disputaram uma eleição no sindicato, Funghi se deu por vencido às 6h da manhã depois de passar a madrugada discutindo com Almeida a legalidade dos votos de uma urna. “Ele ganhou no grito”, recorda Funghi. (L.F.G)